

Marisa Antunes
13 de outubro

Siga o nosso canal no WhatsApp e não perca as grandes histórias da SÁBADO.

Seguir

VIDA

OUVIR ARTIGO

Aumentam as cirurgias de mudança de sexo no SNS S PREMIUM

Pacientes são maioritariamente raparigas a transacionar para rapazes. Médicos alertam para fenómeno de contágio social em congresso mundial realizado em Lisboa.

O número de cirurgias de mudança de sexo para as pessoas transgénero, através do Serviço Nacional de Saúde (SNS), duplicou este ano e a média passou para duas operações realizadas por semana. Números enviados pelo Ministério da Saúde à SÁBADO mostram que entre janeiro e maio deste ano foram realizadas 45 cirurgias no âmbito da redesignação de sexo, a esmagadora maioria asseguradas pela Unidade de Reconstrução Génito-Urinária e Sexual (URGUS) do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), unidade de referência nacional para o acompanhamento de pessoas *trans*. 87% destas cirurgias foram realizadas em raparigas a transacionar para rapazes, incluindo-se no número de intervenções também as mastectomias para masculinizar o peito.



EUTERS/Demetrius Freeman/File Photo

Só em cinco meses, o SNS atingiu quase 70% (68% mais precisamente) das cirurgias concretizadas ao longo de todo o ano passado que fechou então com 66 operações.

Em paralelo, o número de pessoas a mudar de nome e género no Cartão de Cidadão, faz-se a um ritmo médio de 11 pessoas por semana, com um total de 375 pessoas a pedir essa alteração entre janeiro e agosto deste ano.

A lei da autodeterminação de género, aprovada em 2018, e a maior visibilidade conquistada pela comunidade transgénero, explicam o aumento exponencial de cirurgias e de mudanças de nome e género no Cartão de Cidadão nos anos mais recentes (400 em 2021, 519 em 2022 e 550 em 2023). Com a autodeterminação veio também o autodiagnóstico e a aplicação da chamada abordagem terapêutica afirmativa adotada junto dos profissionais de saúde em Portugal e que segue as linhas de orientação da WPATH (World Professional Association for Transgender Health), uma abordagem que tem sido, contudo, questionada nos tempos mais recentes.

Se antes de 2018, a transição de sexo implicava um processo mais demorado para atestar o estado mental da pessoa, uma vez que os tratamentos hormonais e as cirurgias são irreversíveis, hoje, em seis meses ou até bem menos, o paciente inicia a transição, tudo graças ao "consentimento informado".

Esta abordagem seguida em Portugal tem estado, porém, envolta em grande polémica e em vários países, alguns dos quais precursores da medicina de género como é o caso dos nórdicos (foi na Suécia que se realizou a primeira cirurgia de redesignação de sexo em 1973), foi colocado travão a fundo na abordagem afirmativa preconizada pela WPATH.

Esta organização tem estado sob fogo cruzado desde que em março deste ano foram dadas a conhecer centenas de mensagens e ficheiros trocados num fórum interno de médicos e profissionais de saúde mental e onde foi possível ouvir da boca dos próprios médicos que os tratamentos hormonais e cirúrgicos têm efeitos adversos pouco estudados e que muitos dos jovens que a eles se sujeitam (e que assinam o consentimento informado) não têm capacidade para avaliar o seu real impacto, um escândalo já apelidado de ***WPATH leaks***. Recorde-se que muitos destes jovens padecem de comorbilidades várias como traumas sexuais, estados depressivos graves, autismo, homofobia interna, entre outras, condições frequentemente subavaliadas por estas equipas médicas, como sublinhava, na altura em março, um texto do *The Guardian*.

WPATH: Dos eunucos às vaginas com falos

Num outro artigo jornalístico, este no ***The Economist***, revelava-se a forma como alguns destes médicos consideram até efetuar cirurgias no âmbito de total experimentação criando, por exemplo, neovaginas (através de um procedimento conhecido como "vaginoplastia com preservação do falo)", mastectomias sem mamilos ou a "anulação" do sexo, "criando eunucos", conforme se escreve no ***Telegraph***.

A esta polémica, somou-se um outro acontecimento marcante, desta vez com origem no hospital inglês Tavistock, especializado em medicina de género, considerado o maior da Europa e que envolveu milhares de crianças e jovens irreversivelmente transformados. O hospital acabaria por encerrar e espoletar uma investigação liderada pela pediatra Hilary Cass, dando origem a um extenso relatório, o ***Cass Report***, com cerca de 400 páginas, onde se concluiu que as evidências da "abordagem afirmativa" assente na medicalização são **"pobres" e "inconsistentes"**.

À luz destes dois acontecimentos marcantes para a medicina de género e tendo em conta o contínuo aumento e a irreversibilidade das cirurgias de mudança de sexo, questionámos o Ministério da Saúde quanto à abordagem terapêutica seguida pelo SNS e se esta teria sofrido alguma alteração na orientação que estava então a ser seguida.

Recorde-se que em entrevista concedida à **SÁBADO**, anterior ao escândalo da WPATH, **Zélia Figueiredo**, coordenadora para a Estratégia da Saúde LGBT para o SNS, tinha defendido a abordagem afirmativa e confirmado a tendência de crescimento exponencial de casos envolvendo jovens *trans* não só em hospitais públicos, mas também em clínicas privadas partilhando os dados estatísticos das suas próprias consultas, que duplicaram desde a pandemia e onde está a receber, em média, cerca de nove novos pacientes por mês, atribuindo este aumento exponencial ao "acesso a mais informação", afastando veementemente a hipótese "de ser uma moda passageira, um contágio". O perfil também mudou e agora são cada vez mais jovens (alguns menores) e raparigas a transacionar para rapazes (homens *trans*).

Segundo a mesma médica, num processo de transição sexual, o tempo-padrão que varia entre a primeira consulta com o psiquiatra e a do endocrinologista onde se inicia a terapêutica hormonal, decorre, em média, um período de seis meses repartidos por quatro consultas (de breve duração).

Dado o impacto irreversível causado em doentes tão jovens, logo mais imaturos, a **SÁBADO** perguntou ainda à médica se apenas quatro e breves consultas médicas seria tempo suficiente para determinar um diagnóstico. Haveria tempo para descobrir diversas comorbilidades como a depressão, o espectro do autismo, os traumas sexuais?... "Já estão todos deprimidos. Eles (a WPATH) concluíram que nos testes de personalidade e para avaliar a depressão, os jovens estavam quase sempre ansiosos, deprimidos, por isso deixámos de pedir estes testes porque não invalida a transição", respondeu a sexóloga.

DGS mantém orientações da WPATH

Já no pós-escândalo do 'WPATH leaks', quisemos então saber junto do Ministério da Saúde, se teria ocorrido alguma alteração na orientação dada aos médicos do SNS. Desta vez as perguntas tiveram de ser enviadas por email e as respostas são atribuídas a "fonte oficial da Direção-Geral de Saúde". Assim, uma das questões foi: "A Dr.^a Zélia Figueiredo, que entrevistámos para a **SÁBADO** e que este governo manteve como coordenadora do grupo responsável pela Estratégia de Saúde para as Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo — LGBTI, é uma assumida defensora e seguidora dos "Standards of Care" da World Professional Association for Transgender Health (WPATH). A WPATH e a abordagem afirmativa que preconiza, tem estado, porém, envolvida numa série de polémicas que desacreditam a organização. Pergunto de que forma estas notícias que surgiram, entretanto, poderão ou não ter alterado a linha de orientação da "abordagem afirmativa" que já estava a ser implementada no SNS com a Dr.^a Zélia, antes da mudança de executivo?".

A resposta da DGS é a que se segue: "A linha de orientação da Estratégia de Saúde para as Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo mantém-se. Esta é baseada na evidência científica, preconizando uma abordagem centrada na pessoa e de acordo com o seu consentimento livre e esclarecido. Qualquer intervenção em saúde deve ter por base a *Legis artis*, os princípios éticos e deontológicos e simultaneamente garantir a qualidade e a segurança dos cuidados prestados".

Quisemos também saber que "impacto teve o Cass Report e a discussão que tem existido à volta da medicina de género, no que está a ser atualmente transmitido aos profissionais de saúde do SNS?" Respondeu a DGS que "a principal mensagem a transmitir aos profissionais da saúde é que a prestação de cuidados deve manter-se centrada na pessoa, através de uma abordagem sistémica, de acordo com a evidência científica e o superior interesse da criança/jovem".

Mas foi precisamente a ausência grosseira de uma "abordagem sistémica" assente na história da sua filha, atualmente com 20 anos, e que durante a sua existência nunca teve qualquer sinal de disforia de género, que levou a mãe, Maria, a procurar ajuda fora do SNS. Durante o confinamento e "do nada", a jovem resolveu assumir-se como transgénero depois de uma fase turbulenta após o divórcio dos pais "em que se autoproclamou primeiro como não-binária e depois como bissexual".

"Bastou uma consulta, apenas uma consulta, com o psiquiatra - de uma das unidades de medicina de género de Lisboa – para que ele encaminhasse a minha filha para o endocrinologista e a terapia hormonal", contou Maria, que questionou o sexólogo para a rapidez do diagnóstico sem saber a fundo a história clínica da filha, nessa altura ainda menor. "Fiquei chocada. Nessa altura a minha filha estava a tomar anti-depressivos e ansiolíticos fortíssimos... Sabendo da fragilidade mental da minha filha naquele momento, questionei-o sobre a razão pela qual estava a priorizar de imediato a identidade de género em detrimento da saúde mental, numa miúda que durante toda a sua vida nunca tinha tido qualquer problema com o seu corpo ou com a sua identidade...", recorda esta mãe, acrescentando que demorou apenas 15 minutos para a filha receber o livre trânsito para as hormonas.

Pais portugueses em alerta

Decidida a alertar outros pais para o que se está a passar no SNS, esta mãe foi uma das fundadoras do movimento cívico **Juventude em Transição**, que reúne pais, jovens em destransição, psicólogos e outros profissionais que apelam a uma intervenção menos medicalizada e mais focada na psicoterapia para estes jovens em questionamento identitário. A Juventude em Transição é também o grupo oficial de pais em Portugal integrados da rede da Genspect, organização fundada pela **psicoterapeuta Stella O'Malley** e cujo congresso se realizou na semana passada em Lisboa.

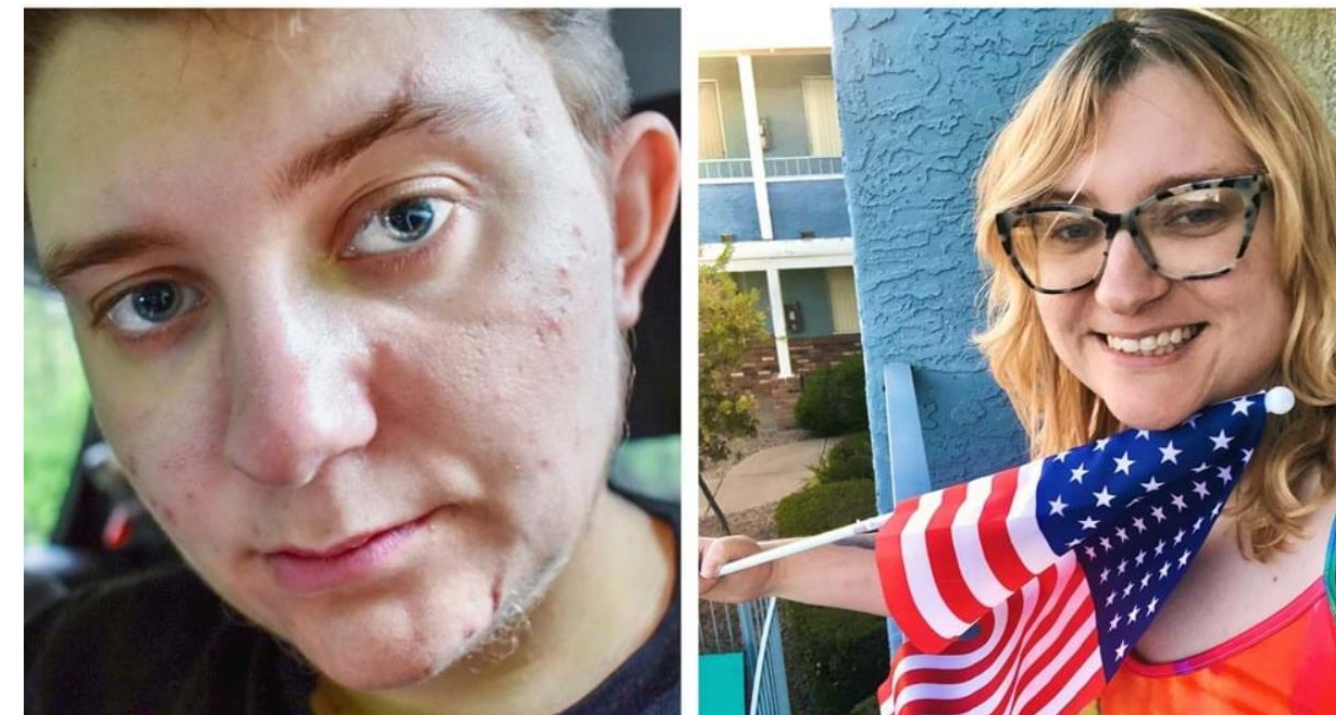
Criada em 2021, a Genspect integra profissionais de saúde mental de todo o mundo e tem alertado para o fenómeno de contágio social que tem afetado um número indeterminado de jovens em questionamento identitário, alguns intervencionados cirurgicamente de forma irreversível. A organização dá apoio a pais e jovens de todo o mundo e conta atualmente com mais de 30 grupos de pais de países de diferentes geografias como EUA, Canadá, Espanha, Brasil, Nova Zelândia, entre muitos outros, demonstrando bem a transversalidade deste fenómeno.

Durante três dias, a capital portuguesa foi, assim, o epicentro do debate sobre a medicina de género com o congresso da Genspect, no Altis Hotel, a realizar-se em simultâneo com o da WPATH, no Sana Hotel, a escassos 5 minutos de distância (este último fechado aos jornalistas). **Marcus Evans**, psicoterapeuta e um dos "*whistleblowers*" que se insurgiu contra o que apelidou de toxicidade ideológica que impregnava o Tavistock, foi um dos oradores e lembrou, na sua intervenção, que para estes jovens subitamente disfóricos, "a transição frequentemente representa um compromisso inconsciente para resolver um conflito interno".

"Estes jovens são, por definição mais solitários, passam muitas horas a navegar online, em casa, e conseguem ver a sua autoestima aumentada ao serem atraídos para as comunidades trans. A preocupação com o género e em assumirem-se do género oposto é, frequentemente, uma forma de se afastarem da sua sexualidade", explicou Marcus Evans, que em conjunto com a mulher, Sue Evans, enfermeira pediátrica e que também trabalhou no Tavistock, têm vindo a alertar para o negócio ideológico em que se tornou a medicina de género.

Conselhos de uma detrans

O intenso abuso que sofreu durante a infância foi a origem de todo o processo que levou **Laura Becker**, também presente no congresso, a mudar de sexo, tendo posteriormente destransacionado. À **SÁBADO**, esta americana, atualmente com 25 anos, recordou que a deterioração do seu estado de saúde mental agravou-se significativamente a partir dos 11 anos, altura em que o pai foi-se tornando cada vez mais abusivo em termos físicos e emocionais.



Muitos destes jovens estão no espectro de autismo (quase 40% dos jovens pacientes do Tavistock tinham esse diagnóstico, sofrem de homofobia internalizada (são gays/lésbicas não assumidos) ou sofreram severos abusos sexuais, físicos e/ou emocionais.

"O meu pai era um homem muito violento, instável a nível emocional... Eu era a mais velha de três irmãos, a mais teimosa, a que mais o enfrentava. Dizia-me frequentemente que eu não prestava, que mais valia não ter nascido, batia-me...", conta, acrescentando que esses abusos, somados ao facto de sofrer do Espectro do Autismo, foram moldando a sua personalidade e por isso foi uma "criança introvertida, desajeitada, que dificilmente se integrava socialmente".

Aos 15 anos descobriu na internet a teoria da construção social e da identidade de género e tudo o que leu lhe fez um inesperado sentido. "A ideia de termos uma 'gender soul', uma identidade de género que não está alinhada com o nosso género mexeu comigo porque sempre fui não-conforme, uma maria-rapaz", recorda Laura.

A ideia marinou junto dos muitos *influencers trans* que existem online e aos 17 anos começou a tomar testosterona, após uma única consulta com o endocrinologista. Aos 20 anos viu o seu desequilibrado apelo de fazer uma mastectomia aprovado em três tempos. "Durante todo esse tempo, tive sempre pensamentos suicidas, que partilhei com os médicos que me acompanhavam mas infelizmente nenhum deles me ajudou. Como puderam achar normal que eu assinasse o consentimento informado estando naquele estado?", lamenta hoje a jovem.

Foi só aos 22 anos e já com o diagnóstico de Stress Pós-Traumático devido ao abuso infantil e à transição, que Laura Becker resolveu não só fazer a destransição mas arranjar coragem e energia para denunciar o sistema de saúde que falha a jovens como ela. "Hoje apelo aos jovens que, tal como eu sentia, hoje se sentem desconfortáveis com o seu corpo e a acreditar que têm uma identidade *trans*, que primeiro pensem que podem existir várias razões que os fazem sentir dessa forma e não é, de todo uma boa prática médica, criarmos dano ao nosso próprio corpo. Podemos admitir que sentimos dor quando olhamos para ele, e isso é bem real, mas isso não significa necessariamente que se deva entrar na espiral médica porque esta é apenas cosmética, é como uma tatuagem. Esta espécie de 'projeto de arte' com o nosso próprio corpo pode dar-nos euforia durante algum tempo mas não vai resolver os problemas de aceitação pessoal ou junto de outros. Isso só se consegue com terapia", aconselha Laura.

E que conselho daria aos pais? "Diria que têm de estar muito envolvidos na vida dos filhos, tentem perceber que tipo de conteúdos eles estão a ser expostos na internet, que tipo de conteúdos estão a ser passados nas escolas ou nas atividades extra-curriculares. A teoria da construção social, da identidade de género está a ser ensinada em todos estes locais... É popular, está a ser transmitida como uma panaceia que resolve todos os problemas mas isso está longe da verdade...", rematou ainda Laura Becker.